

# POR UMA ORGANIZAÇÃO DE COMBATE DA CLASSE OPERÁRIA

A realização do IV Congresso Nacional marca o fim de uma etapa na nossa história: a da elaboração programática. Desde seu surgimento a POLITICA OPERÁRIA teve claro que a concepção mais precisa possível do caminho revolucionário no Brasil era uma contribuição indispensável que ela teria que dar para a formação de um verdadeiro partido leninista no país.

Nem por isso nós ficamos esse tempo todo fechados num trabalho de gabinete; na elaboração do programa. Essa elaboração só seria possível se nós estivessemos - embora conscientes das nossas limitações de pequeno grupo surgido fora do movimento operário então monopolizado pelo reformismo - participando das lutas da classe e ativos nas lutas políticas do país. Mas não foi só nosso reduzido tamanho que limitou o alcance da nossa atuação; a ausência de um programa dava margem a desvios e indecisões, a deficiências na formação dos quadros e uma heterogeneidade interna e falta de clareza quanto ao nosso próprio papel. O círculo vicioso só poderia ser vencido pela nossa própria prática. O combate ao reformismo foi o ponto de partida e de homogeneidade que nos fez avançar. No decorrer da luta amadurecemos um programa e uma linha de ação inspirados na teoria marxista e nas experiências das lutas de classe no Brasil e no mundo. Do nosso surgimento até hoje pudemos assimilar as experiências das lutas de massa da "legalidade" burguesa e da luta clandestina após o golpe aos ensinamentos trazidos pela revolução cubana assim como pela visão marxista das revoluções e lutas anteriores da classe operária.

Do fato de termos agora chegado a uma definição programática decorrerá necessariamente uma mudança no nível da nossa prática. Hoje as tarefas, assim como as discussões mesmo, se colocam num nível superior. Da mesma forma que no período anterior ao programa tivemos experiências de agitação e propaganda, de organização da classe, de preparação para o embate armado, teremos discussões internas também na nova fase. Mas da mesma forma que aquele trabalho era limitado pelo próprio caráter da O., a discussão agora se dará dentro dos limites do programa da Organização. Trata-se agora basicamente de discutir a aplicação concreta da nossa linha.

Após um longo período de discussão interna, em que as várias concepções existentes no interior da O. passaram pelo crivo dos debates a POLITICA OPERÁRIA, em seu IV Congresso, optou por um programa e uma linha de ação. A concepção vitoriosa no debate, interno foi a que traça a nossa luta a partir do caráter socialista da revolução brasileira - vencendo as alternativas de "libertação nacional" ou "democrática popular", etc.; delineando a luta antiimperialista no contexto da luta anticapitalista e, tirando as consequências disso, colocando a burguesia no campo dos inimigos, vencendo as alternativas que buscavam uma ponte para a "média burguesia"; defendendo a guerrilha no contexto da revolução dos trabalhadores, vencendo as hesitações que vacilaram da denuncia da concepção do foco catalisador como já tinha sido teorizada por Guevara, até uma adesão inconsequente que inseria a guerrilha numa concepção que na prática a sabotava; marcando a nossa tarefa no trabalho indispensável de criação de um partido revolucionário da classe operária no Brasil. Ainda existirão lacunas em nosso programa, ainda faltará aprofundar vários aspectos da nossa teoria da revolução no Brasil, mas isso só será possível à medida que o próprio fogo da luta lance luz sobre problemas hoje obscurecidos e que a prática ajudará a resolver. Mas fundamental é que a Organização mostrou a decisão de eliminar as concepções oportunistas e os desvios reformistas e pequeno-burgueses que fioreceram em nosso meio. O oportunismo se manifestara quando, antes, sob pressão do movimento liberal, a minoria agora derrotada pretendia subordinar nossa estratégia à luta pela constituinte popular, considerando a luta legal como a predominante; o mesmo oportunismo, dos mesmos que há até 3 meses atrás denunciavam o "foquismo" da Organização, manifestou-se depois e agora quando a minoria derrotada rompeu com a O. Combatendo o seu "pacifismo" (sic) em nome de uma adesão, apressada e verbal à luta guerrilheira dentro da mesma visão de uma revolução "popular". O fundamental é que a concepção amadurecida da revolução socialista, vitoriosa, fornece as condições para nosso avanço ulterior. Será a partir dessa decisão que trilharemos a etapa seguinte no processo da formação do partido que conduzirá a revolução no país. Conscientes da nossa responsabilidade na união da esquerda revolucionária é que travamos até agora a luta interna, que nos depurou de concepções errôneas. Agora, após a decisão do Congresso, cabe chegarmos à unidade para a ação em torno da linha aprovada. O abandono da O. por parte de setores da minoria derrotada, inconformados com a linha provada, não nos afeta: o de que precisamos agora é de uma organização homogênea e decidida a cumprir a linha. Como dizíamos na Carta aberta que endereçamos aos da Dissidência: será essa qualidade que produzirá a quantidade.

## Uma nova organização

As decisões aprovadas no IV Congresso foram um passo indispensável para que nos capacitemos para enfrentar as lutas de classes no país. Mas com isso nem todos os principais problemas foram resolvidos.

Trata-se agora de nos constituirmos efetivamente numa organização de combate da classe operária e de trilharmos o caminho que leve à constituição de sua vanguarda política expressa num partido revolucionário. Isso quer dizer enfrentar, junto aos nossos aliados uma prática que nos unificará de vez, a propaganda da revolução e seu caráter, a luta ideológica contra as tradições da ideologia burguesa na esquerda (mesmo naqueles que se aproximam das posições revolucionárias), a luta armada que colocará todo o trabalho num nível superior.

Toda organização se define em função dos fins e das tarefas a que se propõe, e não há dúvida que o liberalismo que grassou em nosso meio teve como causa não só a origem pequeno-burguesa da maioria dos militantes, mas também a falta de um programa que definisse os objetivos da organização. Hoje dispomos dessa premissa embora sua simples existência ainda não queira dizer que o problema esteja resolvido: o que será preciso agora é prepararmo-nos à base do programa. Será preciso que a linha formulada teoricamente impregne toda a nossa vida de militantes, toda a nossa ação, dando o exemplo revolucionário onde quer que esteja um militante da organização.

O liberalismo organizatório é alimentado pelo liberalismo político. Armados agora com o programa da organização, temos a responsabilidade de vencer decisivamente esse liberalismo. Todos temos a responsabilidade de estudar a fundo a linha da Organização e verificar as formas específicas de sua aplicação em cada local.

Vencida essa etapa no nosso caminho estamos mais equipados para a luta. Mas justamente para tirarmos as consequências do caminho que esboçamos teoricamente é preciso que redobremos o rigor no recrutamento e na exigência de cada um dos militantes. Para nos constituirmos numa organização de combate da classe operária, para que cumpramos nosso papel na edificação do partido revolucionário, para que travemos a guerra revolucionária contra o regime, é preciso que nos depuremos. O relatório do CN ao Congresso já apontava os meios dessa depuração: "A batalha interna que travamos - de autodepuração através da discussão que elimine as concepções pequeno-burguesas, através da crítica e da autocrítica, através do enfrentamento das tarefas disciplinadamente obrigando cada militante a dar o máximo - está ligada à batalha externa de mobilização revolucionária do proletariado. (...) De um lado temos o combate para eliminar o comportamento inconsequente e amadorista trazido da militância estudantil (que vai até o combate às concepções que racionalizam esse comportamento da pequena-burguesia) ; de outro temos o próprio trabalho revolucionário de condução da classe - da agitação, da organização, da propaganda, da luta armada, etc - como um processo prático de auto- depuração."

O fato dos setores mais representativos dos desvios oportunistas já terem abandonado a O. não significa que esteja concluído o trabalho de autodepuração, já que as concepções pequeno-burguesas e o comportamento irresponsável impregnou boa parte do nosso trabalho. A derrota das justificativas teóricas para esse comportamento ajuda o trabalho, a deserção dos seus representantes também, mas o trabalho ainda existe e será contínuo.

Mas é importante que se tenha claro o método para a depuração dentro duma organização marxista, que é o da luta ideológica e da crítica e autocrítica na prática do dia-a-dia. Quando afirmamos acima que hoje dispomos do instrumento indispensável - o programa - para vencermos o liberalismo, queríamos dizer que temos agora uma diretriz para uma prática definida. E será na execução dessa linha que exigiremos de cada um de nós que superemos os vícios do liberalismo, que nos empenhemos na aplicação do programa. É colocando em prática o programa que travamos a luta ideológica e nos depuramos.

Sabemos que para podermos ter uma prática revolucionária precisamos de uma férrea disciplina. E isso significa o cumprimento das tarefas, o empenho de cada um para descobrir os meios concretos de desenvolver o trabalho revolucionário onde quer que se encontre ou para onde for designado, e nem o mais leve arranhão no centralismo democrático.

Recrutando e formando-nos á base do programa, podemos ter agora uma organização depurada, homogênea e combativa. Está claro que este avanço só se fará na medida em que soubermos traduzir a linha para cada um dos momentos da luta e condições específicas de lugar e

tempo. Está claro também que o nosso avanço é inseparável da evolução geral da esquerda e, particularmente, da Esquerda Revolucionária - onde influenciámos e de onde, por sua vez, cada mudança altera também nossas condições e perspectivas.

## **Perspectivas**

Foi a crise do capitalismo do Brasil que colocou de maneira mais urgente a falência do reformismo e a necessidade de um partido proletário revolucionário capaz de conduzir a luta pela derrubada da sociedade decadente. A ausência desse partido está presente em toda crise atual do movimento operário e da Esquerda. E, por outro lado, sua formação se dará através do atual processo de cisões e aglutinações na Esquerda. Se o observador superficial só vê conflitos pessoais e a aparente "futilidade" das múltiplas divisões que se processam, os revolucionários comunistas têm o dever de distinguir nelas as manifestações - nas condições das lutas de classe do Brasil - da diferenciação entre os reformistas de todos os matizes (inclusive e principalmente os vestidos de novas roupagens depois do debacle de 64) e os revolucionários também com vários matizes. Distinguir as contradições antagônicas na Esquerda, os reformistas que devem ser combatidos - impiedosamente - e as divisões secundárias entre os revolucionários - que devem ser superados ou combatidos através de uma crítica fraternal - é uma tarefa nossa.

Temos que compreender que a formação do Partido não se dá de forma mecânica nem de acordo com a vontade de todos os revolucionários. Ela é fruto da toda uma prática revolucionária e da luta ideológica. Essa prática revolucionária e essa luta ideológica se introduzem no processo de cisões e aglutinações da Esquerda polarizando as forças que darão nascimento ao Partido.

Tanto o Programa quanto a Declaração Política apontam nossas tarefas básicas no caminho da Revolução Socialista. A formação de uma frente da Esquerda Revolucionária, a agitação revolucionária na classe operária, a organização de um foco guerrilheiro, são vistos como os meios fundamentais para fazer avançar a revolução na atual etapa. Para trabalhar nesse sentido dissemos ser preciso uma "organização de combate da classe operária". O que isso significa? O termo usado por Lenin (1902 - "Que Fazer?") querendo mostrar que o papel dos comunistas é, ao mesmo tempo, de estar ligados à classe operária para sentir suas oscilações e seu amadurecimento e se fazer ouvir por ela e, por outro lado, ser um destacamento de vanguarda, que represente a consciência da classe para si, que defina os objetivos históricos, que tenha mobilidade e disposição para enfrentar a luta em todos os terrenos, para travar a luta amada e para organizar toda a rede clandestina que sustenta a agitação no meio da massa preparando-a para a insurreição. Definir com precisão os meios de por todas as nossas forças - desde as presentes no movimento estudantil até os grupos operários - todo o nosso trabalho e todas as nossas alianças políticas a serviço da linha traçada, agir convictamente nesse sentido, será o caminho para sermos uma organização de combate da classe operária. E se trabalharmos decididamente nesse sentido o resultado do nosso trabalho será também o nosso fim como Organização e a constituição de um organismo superior: o Partido Revolucionário da Classe operária.

CN da ORM POLÍTICA OPERARIA

Outubro de 67